

**PAÍSES AFRICANOS EM PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL
E A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO**

José Francisco dos Santos

Docente do Programa de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais e do curso de História da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB/Campus Barreiras. Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. e-mail: jose.santos@ufob.edu.br

RESUMO

Paulo Freire, um dos maiores expoentes da educação e referência mundial para Alfabetização, que teve no Rio Grande do Norte, em 1963 sua primeira experiência com alfabetização, com 300 adultos aprendendo a ler e a escrever, em 45 dias, inicia o desenvolvimento da sua metodologia que estava ligado ao pensamento desenvolvimentista nacional de João Goulart, que inclusive nas reformas de bases, implementou, o Plano Nacional de Alfabetização, durante a ditadura Civil-Militar no Brasil, Freire, acaba exilando-se na Suíça, em Genebra, trabalhando como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas Católicas. Durante esse tempo, atuou na reforma educacional em ex-colônias portuguesas no continente africano. A presente comunicação, pautadas em obras como: Notas sobre o encontro da pedagogia freiriana com a práxis política de Amílcar Cabral (2010), A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (211), Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo.(1978) entre outras obras, que discorreram sobre a atuação de Paulo Freire, no continente africano, em especial nos países como, Angola, Cabo-Verde, Guine Bissau, e São Tome e Príncipe. Não obstante, o texto vai focar no desenvolvimento da sua metodologia as influências sofridas pelas suas experiências, nos Estados africanos em que houve uma maior aproximação do materialismo histórico, de Karl Marx e as ideias defendidas pelo pensador italiano Antonio Gramsci, a exemplo do intelectualismo orgânico e suas práxis. Com a independências dos Estados africanos, como foi implementada nova política de educação nesses lugares? A sua metodologia é usada na atualidade? Os educadores atuais no continente têm como parâmetro, o pensamento freiriano? Pensado que no atual momento no Brasil, em que a figura de Paulo Freire é constantemente atacada por setores conservadores da sociedade brasileira colocando simplesmente como “doutrinador”, apologista de ideias marxistas. Embora, A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, considera sua metodologia de ensino inovador e indicado como método eficaz de ensino, esses são questões que foram problematizados no artigo.

Palavras-chave:

Paulo Freire; Educação; Continente Africano

Introdução

Paulo Freire, um dos maiores expoentes da educação e referência mundial para Alfabetização, que teve no Rio Grande do Norte, em 1963 sua primeira experiência com alfabetização, com 300 adultos aprendendo a ler e a escrever, em 45 dias, inicia o desenvolvimento da sua metodologia que estava ligado ao pensamento desenvolvimentista nacional de João Goulart, inclusive nas reformas de bases, implementou, o Plano Nacional de Alfabetização, durante a ditadura Civil-Militar (1964 a 1985) no Brasil, Freire, acaba exilando-se na Suíça, em Genebra, trabalhando como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas Católicas.

Durante esse tempo, atuou na reforma educacional, em ex-colônias portuguesas no continente africano. Em especial nos países como, Angola, Cabo-Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. Mas antes de entrar por menores na questão de sua atuação política e educacional nos recém países independentes, cumpre observar como o governo brasileiro da Ditadura Civil-Militar via o papel dos intelectuais de esquerda que se exilavam, a exemplo de Portugal, a partir do relatório¹ do embaixador em Portugal (1974 a 1979) Carlos Alberto da Fontoura².

1.1 A presença de intelectuais de esquerda em Portugal e o receio da ditadura Civil-Militar brasileiro.

Não obstante, a questão da atuação de brasileiros de esquerda em solo português incomodava o Estado brasileiro a ponto de ser mencionado no relatório, além de deixar claro que o governo brasileiro ficava inconformado por conta de o Estado português acomodar essas pessoas de esquerda no país. Carlos Alberto da Fontoura evidencia na sua escrita a ligação estreita que havia entre o governo português salazarista e Ditadura Civil-Militar. Em nosso trabalho sobre o Movimento Afro-brasileiro de Pró-Libertação

¹ Secreto nº 8 PORTUGAL (CONTINENTE) TERRITÓRIOS AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES COM O BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1974.

² [...]Cumpre observarmos que o embaixador Carlos Alberto da Fontoura, quando foi assumir a embaixada brasileira em Portugal, já em período pós-revolução, não foi bem recebido. O governo português, inclusive, chegou a pedir para que fosse enviado outro embaixador, pelo fato de Fontoura ser militar ligado ao Exército Brasileiro (foi chefe do Serviço de Informação - SNI), sendo assim acusado por exilados brasileiros em Portugal de servir a Ditadura Civil-Militar brasileira. Ver (SANTOS, 2018, p.33-34)

de Angola - MABLA (2010)³, temos o relato do jornalista e ex-deputado Márcio Moreira Alves que discorre sobre ação de membros da PIDE nos porões da Ditadura Civil-Militar brasileira.

Assim que ocorreu o golpe em primeiro de abril de 1964 membros do MABLA e o MPLA nomeadamente José Maria Nunes Pereira da Conceição, José Lima de Azevedo, Fernando Costa Andrade entre outros foram presos e torturados, mas não por integrantes da ditadura brasileira, mas sim por membros da Polícia Internacional e de Defesa do Estado - PIDE, segundo Márcio Moreira Alves. Como o próprio Fontoura expõe em seu relatório, caso a PIDE estivesse na ativa seria mais fácil expulsar os brasileiros de esquerda de Portugal. Os relatos nos levam, enfim, a considerar que havia uma ajuda mútua entre regimes autoritários brasileiro e português, situação que foi abalada após a Revolução dos Cravos.

Fontoura segue em seu relatório discorrendo sobre atuação de docentes brasileiros de esquerda em instituições portuguesas,

Aspecto correlato da questão refere-se à iniciativa, que vem sendo acompanhada cuidadosamente, tendente à proliferação nas universidades e institutos técnicos portuguesas de professores brasileiros de esquerda, inimigos confessos do regime. Com a Revolução e o expurgo entre docentes de ensino superior que se lhe seguiu, as instituições universitárias locais viram-se privadas de grande número de docentes, comprometidos ideologicamente com o regime anterior. Outros mestres deixaram as funções, simplesmente porque, incompatibilizados com os estudantes, careciam de condições morais para o exercício do magistério. Novamente a comunidade de língua e cultura, aliada desta vez aos manejos de uma mão que, posto invisível, já não pôde ser identificada, ensejou o recrutamento de professores e intelectuais brasileiros, uns desempregados após o episódio chileno, outros desencantados com as restritas possibilidades oferecidas pela Argélia.

Essas iniciativas, que, com o beneplácito oculto do Ministério da Educação Nacional, vem sendo coordenadas pelo conselheiro de Estado Rui Luís Gomes, Reitor da Universidade do Porto e antigo professor no Recife, conhecedor dos seus colegas brasileiros de magistério superior e de contestação política, já trouxe a Portugal Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Carlos Figueiredo de Sá, Plínio de Arruda Sampaio, Hernane Fiori, Marcio Moreira Alves e outros. A presença desses elementos, e

³ Para saber mais: SANTOS, José Francisco dos. Movimento Afro-brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) – “Um Amplo Movimento”: Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010 e SANTOS, José Francisco dos. Relação Brasil/Angola: A participação de brasileiros no processo de libertação de Angola, o caso do MABLA e outros protagonistas. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

dos demais que estão para vir, os quais, posto ideologicamente diferentes entre si, estão unidos pelo denominador comum da militância política anti-Revolução (SIC) de 1964, seria apenas pouco inconveniente para o Brasil se ficasse limitada ao âmbito universitário.⁴

O receio da atuação de docentes nas universidades portuguesas demonstra a preocupação do Estado brasileiro, pois, como bem sabemos, a universidade é local de formação de opinião pública, portanto, inferimos que professores fazendo apologia negativa ao regime estabelecido no Brasil não seria bom para imagem do país, pois seria visto como um Estado repressor em muitos aspectos semelhantes ao Estado salazarista.

Registramos que o reitor da Universidade do Porto na época, Rui Luís Gomes, que lecionou na Universidade de Pernambuco de 1962 a 1974, veio ao Brasil justamente por ter sido perseguido pelo regime salazarista. Com a Revolução dos Cravos retorna para Portugal e passou a dar auxílio aos brasileiros que desde 1964 eram perseguidos pelo regime estabelecido.

Cumpramos observarmos os nomes que Fontoura destaca em seu relatório, a exemplo de Márcio Moreira Alves, que já havíamos mencionado, por ser autor do livro *Tortura e Torturados (1966)*, em que denuncia as atrocidades do regime de Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Paulo Freire, que teve sua atuação direta em África, embora a Revolução dos Cravos tenha tido contornos socialistas, o processo de independência em África não foi tranquilo para os “Capitães de Abril”. Além dos outros nomes todos de grande relevância contra Ditadura Civil Militar brasileira, que Fontoura os denomina como “antirrevolução de 1964”.

Além disso, Fontoura alerta que a influência desses brasileiros de esquerda aparece em atos de “campanha antibrasileira”. Vejamos o trecho do relatório,

[...] A “Semana de Solidariedade ao Chile”, assim como recentes tentativas para as comemorações do 4º aniversário da morte de Carlos Marighela, estão a oferecer a oportunidade de atos populares, publicações e manifestações em órgãos de comunicação de massa,

⁴ Secreto nº 8 PORTUGAL (CONTINENTE) TERRITÓRIOS AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES COM O BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1974. p 41-42.

alguns destes controlados pelo governo como Radiotelevisão Portuguesa, para a montagem de campanha anti-brasileira. Como a experiência tem demonstrado, todos os fatos, reais ou imaginários, desde o “Esquadrão da Morte” até o sistema de distribuição interna da renda nacional, têm servido de combustível à essa ação difamante. Mesmo o “Boletim Informativo da Comissão Coordenadora do Programa do MFA”, publicação oficial, agora da divulgação pública, do Estado Maior General das Forças Armadas, não tem se furtado a esse gênero de provocação, imputando ao Brasil interferência na ordem doméstica de país amigo.

Urge, pois impedir que essa situação progrida, por seu potencial de nocividade tanto ao Brasil, quanto às relações entre os dois países. No entanto, a efetividade prática de gestões nesse sentido dependerá diretamente do rumo que tomem as coisas públicas no país. Na conjuntura, o governo desprovido de instrumentos legais para orientar os meios de comunicação social quase todos sob o controle da extrema esquerda, pouco poderá fazer para além da persuasão [sic]. A situação se apresenta diferente na Radiotelevisão Portuguesa e na Emissora Nacional, ambas de controle acionário e operacional do Estado. Porém, radicalizando-se a situação para a esquerda, é de prever-se o agravamento desses episódios.⁵

É importante salienta outros aspectos levantados por Fontoura como a questões culturais. O embaixador elenca alguns pontos sobre a relação cultural entre Brasil e os agora países africanos,

Pela identidade de idioma e seus laços étnicos com os territórios africanos de expressão portuguesa, o Brasil desfruta de uma situação privilegiada para empreender vigorosa ação no campo cultural. Pode-se dizer que é nesse terreno que há uma convergência maior entre os interesses do Brasil, de um lado, e os dos territórios em questão, e mesmo Portugal, de outro.

Carentes, em maior ou menor grau, de quadros técnicos – problemas esse ainda mais agravado pelo êxodo de parte da população branca – as ex-colônias portuguesas estarão certamente interessadas em receber ajuda nos campos do ensino e da assistência técnica. O Brasil é dotado de condições ótimas para fornecer essa ajuda, não só pelos já mencionados fatores linguístico e étnico, mas também por haver desenvolvido técnicas próprias, adequadas às condições de países em desenvolvimento e em áreas tropicais. No campo do ensino, por

⁵ Secreto nº 8 PORTUGAL (CONTINENTE) TERRITÓRIOS AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES COM O BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1974. p. 42.

exemplo, vê-se de imediato a possibilidade de aplicação dos métodos de alfabetização de adultos (MOBRAL).⁶

Registramos que Fontoura aponta que a forma de inserção do Estado brasileiro nesses novos países deveria acontecer por meio das relações culturais, por serem Estados que falam a mesma língua e que dali em diante iria se reconstruir. Há a necessidade de auxílios diversos, principalmente por conta da evasão da população branca, que inclusive detinha o conhecimento técnico.

O embaixador dá o exemplo do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que foi criado em 1967 pela Ditadura Civil-Militar, e era uma das grandes bandeiras que pretendia alfabetizar jovens e adultos, a respeito dessa questão a historiadora, Suzeley Kalil Mathias expõem,

Criado pelo Decreto n:62.455/68, tinha por finalidade executar o Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos, para que contou com recursos da Loteria Esportiva e vários incentivos fiscais que lhe garantiram receitas consideráveis (Melchior, 1987). Porém distintamente do que se planejou, nem de longe o Mobral alcançou seus objetivos. Conforme dados do Censo de 1980, as taxas de analfabetismo da população maior de quinze anos, público-alvo do Mobral, estavam em 24,5%, contra os 33,6% registrados em 1970; ademais, o número absoluto de analfabetos havia crescido em 540 mil pessoas. (MATHIAS, 2004, p.175).

Como apontado pela historiadora Mathias, os índices de analfabetismo no Brasil eram muito altos. Apesar de ainda hoje o quadro educacional brasileiro não ser dos melhores, contudo não se pode fazer uma comparação com a década de 1960, pois hoje temos diversos projetos do governo federal, estaduais e municipais que englobam além da alfabetização o ensino superior. Os problemas, agora, são outros como a qualidade e infraestrutura em todas as instâncias do ensino no Brasil.

Contudo se compararmos aos Estados africanos o cenário deles era muito pior. No caso dos países recém-independentes, a política dos regimes coloniais portugueses nunca privilegiou a educação, pelo contrário, para temos uma noção melhor sobre essa

⁶ Secreto nº 8 PORTUGAL (CONTINENTE) TERRITÓRIOS AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES COM O BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1974. p. 133.

questão, registramos um trecho do pesquisador e educador angolano Filipe Zau sobre a política educativa em Angola na década de 1960,

Calcula-se que, por volta de 1962, tenham aparecido os primeiros Cursos de Monitores Escolares, ou seja, professores apenas habilitados com a 4ª classe, em alguns casos com a 4 classes dentro de uma mesma sala de aula. O tempo de duração da sua formação ocorria apenas no mês de março ou, entre julho e agosto, no período das férias, altura em que se podia dispor das instalações escolares, tanto para as aulas-modelo, como para feitoria e dormitório. Em geral, os monitores escolares apresentavam fraco domínio da língua portuguesa. Tinham dificuldade em redigir e cometiam muitos e grosseiros erros ortográficos. A aprendizagem das aptidões pedagógicas assentava nos princípios da imitação: “faz como eu faço” (ZAU, 2013, p.259).

O ensino regular nos territórios africanos sobre o domínio português geralmente foi realizado por instituições religiosas, protestantes ou católicas. Ressaltamos que esta última apoiou o regime salazarista. Dessa maneira o ingresso de estudantes negros era dificultado, pois a cidadania plena no Estado autoritário português nas colônias, por conta da lei do indigenato, era somente dada a quem sabia falar e escrever em português.

1.2 Paulo Freire na África

Sobra a experiência de Paulo Freire na África, o diretor do instituto que leva o nome do educador, o filósofo Moacir Gadotti discorreu,

Na década de 70, Paulo Freire (1921-1997) assessorou vários países da África, recém-libertada da colonização europeia, cooperando na implantação de seus sistemas de ensino pós-coloniais. A sua primeira visita à África foi no final de 1971, como membro do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, onde ele morava exilado. Ele foi para Zâmbia e Tanzânia onde teve contato com vários grupos engajados em movimentos de libertação e colaborou na Campanha de Alfabetização da Tanzânia, onde conheceu o presidente Julius Nyerere (1922-1999), conhecido como “professor”. Nyerere foi o primeiro tanzaniano a estudar numa universidade britânica. Fundou, em 1954 o partido Tanganyika African National Union (TANU), que levou o seu país à independência da Grã-Bretanha em 1962. (GADOTTI, 2010, p. 01)

Após essa primeira experiência com o continente africano, Freire retorna para a África entrando em contato direto com os povos que passavam pelo processo de transição do período colonial para o Estado independente, Segundo Moacir Gadotti isso acabou resultando em transformações significativas nele,

Esses e outros países, em processo de descolonização e reconstrução nacional, tinham por base de suas políticas o princípio da *auto-determinação*, uma filosofia política baseada no resgate da autoconfiança (“self-reliance”) e na valorização da sua cultura e da sua história. Sobre uma dessas experiências, a de Guiné-Bissau, Paulo Freire escreveu uma das suas obras mais importantes: *Cartas à Guiné-Bissau* (Freire, 1977). Na busca de um novo aprendizado ele procurou entender a cultura africana pelo contato direto com o seu povo e com seus intelectuais. [...] (GADOTTI, 2010, p. 01)

A respeito da presença de Paulo Freire em África, a pesquisadora Patrícia Villen, no livro *Amílcar Cabral e a Crítica ao Colonialismo* (2013) discorre sobre a opinião do pedagogo brasileiro a respeito do projeto político-cultural na Guiné-Bissau,

Se quisermos verificar esse projeto político-cultural, podemos confrontá-lo com a opinião de Paulo Freire sobre o Processo Concretização do Projeto Político-Cultural do PAIGC por meio de uma “nova prática educativa”, que agia para minar os valores de dominação do sistema colonial português. Com a intenção de descrever a experiência da descolonização na Guiné, Paulo Freire defende que antes de falar em “esforços de construção”, melhor seria falar de “esforços de reconstrução”: “De reconstrução, digo bem, porque a Guiné-Bissau não parte do zero, mas suas fontes culturais e históricas, de algo de bem seu, da alma mesmo de seu povo, que a violência colonialista não pôde matar. Do zero ela parte, com relação às condições materiais em que deixaram os invasores (...)”. (VILLEN, 2013, p.188)

Salientamos que atuação dos exilados brasileiros não se restringiu a Portugal, a exemplo de Paulo Freire, que, como vimos, atuou juntos aos principais movimentos de independência dos países africanos, como o PAIGC contribuindo com a reestruturação educacional dessas ex-colônias. Assim como a dita África francófona e inglesa, que nas suas ex-colônias, os livros tinham como conteúdo a histórias dos seus “ancestrais europeus”, os portugueses na escassa rede de ensino não ficavam diferente, a respeito dessa questão Villen escreve sobre as impressões de Freire,

Segundo o pedagogo, a transformação cultural posta em prática pelo PAIGC atuou tanto no âmbito estrutural (construção de escolas e formação de professores) quanto no ideológico (combate à alienação da ideologia colonial pela reformulação dos programas de História, Geografia, Língua portuguesa, substituição de textos de leitura, prática do ensino popular etc.) Para dar uma ideia dessa transformação, Paulo Freire confronta o “sistema de educação enquanto produto da luta de libertação”. O fator de cultura a que Cabral se refere, “um educador de

seu povo” – como chama Paulo Freire -, na confirmação do pedagogo no decurso da visita à Guiné libertada, onde se vê tocada pelos esforços de reconstrução de um povo em sua maioria “analfabeto linguisticamente”, mas “sofisticadamente letrado” do ponto de vista político. (VILLEN, 2013, p.189).

Esse contato como uma realidade mais cruel, que além dos necessitados costumais da realidade brasileira da época, o sistema político africano tinha contornos demasiados agressivos saindo de um sistema ditatorial(salazarista) e entrando em um processo de independência, em que a antiga metrópole (Portugal) não deixou praticamente nada. Segundo Gadotti esse contato com essa realidade trouxe mudanças profundas para Freire,

Alguns autores vão ainda mais longe em relação à importância que a experiência africana de libertação teve na vida e na obra de Paulo Freire. Segundo Afonso Celso Scocuglia, um dos mais importantes estudiosos da obra de Paulo Freire no Brasil, o trabalho de Freire na África impactou sua obra a ponto de “determinar uma ruptura significativa no seu pensamento político-pedagógico” (Scocuglia, 2008:29). Para ele, a partir das experiências de Freire na África, seu pensamento “incorporou as categorias analíticas marxistas socioeconômicas”, assumindo que “as reinvenções da sociedade e da educação passam, necessariamente, pela transformação do processo produtivo e de todas as relações implicadas neste processo” (Scocuglia, 2008:29). A incorporação dessas categorias, como o papel da estrutura na formação da consciência, não minimizou, o papel do sujeito na história em seu pensamento. Afonso Celso Scocuglia conclui afirmando que “a experiência africana de libertação pela via socialista, radicalizam o pensamento de Freire” (Scocuglia, 2008:30 apud: GADOTTI, 2010, p 02.)

Essa “radicalização” leva justamente a uma prática pedagógica que vai para além da pura alfabetização a partir da aproximação das teorias marxistas e gramscianas, além de apreender a ler a escrever o sujeito tem criar autonomia de pensamento e ter atuação política, em que leve em conta a valorização de outros conhecimentos no processo de aprendizagem como aponta Freire,

[...] discutimos isso juntos e depois com os companheiros de São Tomé. Eles viviam mais ou menos essa mesma experiência, e se determinou que era importante refletir sobre o que é a produção, sobre o ciclo produtivo como uma totalidade, e não ver a produção unicamente como o ato de produzir (...). De modo que era necessário, a partir dos problemas concretos da população, ir mostrando, ir abrindo o espaço, desafiando a população, para que reflita sobre eles e se eduque; é preciso propor conceitos desafiadores para que se faça uma reflexão e

se tome consciência de que o ato de produzir deve ser entendido como um processo e não simplesmente como um resultado (Paulo Freire. In: Freire & Faundez, 1985:143. Apud GADOTTI, 2010. p.02)

Essas transformações no pensamento de Paulo Freire sofreram também influência diretamente a sua vivência no continente africano, em especial do líder da independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amílcar Cabral,

sugiro aqueles e aquelas que não leram ainda as obras de Amílcar Cabral, sobre a luta de Guiné-Bissau, que o façam. Eu fiquei muito impressionado com essas obras tanto quanto as de Che Guevara. Ambos compartilhavam o respeito um pelo outro. Os dois se encontraram pela primeira vez em Guiné-Bissau. Os dois ficaram em silêncio olhando um para o outro. Eu chamo isso de amor revolucionário. Depois se abraçaram, embora Amílcar fosse baixinho e Guevara bem alto. Eles compartilharam o mesmo amor pela revolução. E o que é mais interessante: eles disseram coisas muito semelhantes, como eminentes pedagogos e grandes educadores da revolução (Paulo Freire. In: Escobar, 1994:81 apud. GADOTTI, 2010, p. 9-10.)

A valorização do pensamento de Amílcar Cabral passava também por uma leitura que o pensamento, além de revolucionário estava ligado aos conceitos *gramsciano* da prática do intelectual orgânico,

Para mim, o caminho gramsciano é fascinante. É nessa perspectiva que me coloco. No fundo tudo isso tem a ver com o papel do chamado intelectual, que Gramsci estuda tão bem e tão amplamente. Para mim, se a classe trabalhadora não teoriza a sua prática é porque a burguesia a impede de fazê-lo. Não porque ela seja naturalmente incompetente para tal. Por outro lado, o papel do intelectual revolucionário não é o de depositar na classe trabalhadora, que também é intelectual, os conteúdos da teoria revolucionária, mas o de, aprendendo com ela, ensinar a ela. Neste ponto voltamos ao que já disse a respeito da diferença do método do educador reacionário e do revolucionário. Este, ao se tornar um pedagogo da revolução, e foi isso que Amílcar Cabral fez, faz o possível para que a classe trabalhadora, apreenda o método dialético de interpretação do real (Paulo Freire. In: Freire & Gadotti, 1985:68 apud GADOTTI, 2010, p.11).

Percebemos por meio da sua experiência, no continente africano mudanças na sua concepção pedagógica consequentemente no seu método de alfabetização não era somente ler e escrever ou a valorização do conhecimento trazido com educando, mas a

sua própria capacidade de transformação. O que era extremamente necessário na realidade africana, assim como latino-americana.

1.3. África hoje o que ficou do método Paulo Freire?

Como sabemos o método freiriano de alfabetização é indicado pela UNESCO, contudo o que ficou de resultado desse período em que Paulo Freire foi a África? No livro *A África ensinando agente* (2011) organizado por Sérgio Guimaraes e Paulo Freire, reúne uma série de entrevistas de Freire dados em universidades europeias e entrevistas feitas por Guimaraes por pessoas que trabalharam diretamente com Freire ou usaram seus métodos.

De uma maneira geral, as entrevistas expõem como a metodologia foi amplamente aceita, nos países que foram implementada as histórias interessantes do aprendizado tinha que ir além do simplesmente alfabetizar e ao mesmo tempo valorizar outros lugares para além da escola como locais de conhecimento, como exemplo que Freire conta da experiência em São Tomé e Príncipe,

[...] Então conto uma pequena história de Pedro e Antônio, que estavam numa caminhonete, transportando cápsula de cacau, que tinham sido já quebradas, para o secador do cacau, para a área onde eles vão secar o cacau. Foi o que vi lá em São Tomé. E digo que havia chovido muito na noite anterior e que o terreno estava enlameado, muita poça de lama. E que, em certa altura, Pedro e Antônio se defrontaram com um lamaçal de uns dois metros de extensão. Então eles pararam a caminhonete, desceram, olharam silenciosamente o lamaçal e depois os dois atravessaram o lamaçal, protegidos com suas botas de cano alto – que eu vi também lá -, para se ter uma ideia da espessura da lama. Depois voltaram, discutiram um pouco e resolveram apanhar pedras e galhos secos da árvore, com os quais eles forraram o leito do lamaçal uma certa consciência, suficiente para que as rodas passassem por cima. E atravessaram. Então com essa história e digo: Pedro e Antônio estudaram. Não se estuda somente na escola. (FREIRE E GUIMARÃES, 2011, p67)

Todavia, chama atenção uma entrevista que Sérgio Guimarães faz com o escritor Pepetela, que participou da luta de independência de Angola, junto do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, em que comentou seu período como educador na selva angolana, no qual teve contato com a metodologia de Paulo Freire, cumpre observamos que dessa época resultou o romance *Mayombe* (2013), que ganhou o prêmio Camões de literatura, em 1997 considerado a maior distinção em língua portuguesa.

Na entrevista dada a Guimarães, Pepetela discorreu sobre sua época de escola, a respeito do ensino excludente, ele branco estudou com apenas três colegas negros, assim como a severidade e castigos corporais que a escola aplicava. Mas voltando, a questão de Paulo Freire, o entrevistado acaba colocando que seu método após a independência foi se diluindo. O cenário atual do ensino angolano evidenciado por ele é preocupante.

O seguinte trecho mostra um quadro preocupante,

[...] Fizeram remendos superficiais. Por exemplo quiseram fazer uma limpeza ideológica, e aí cometeram-se erros crassos, acho eu. Como, por exemplo, o de diminuir cada vez mais a educação sobre a história, a história do país, a história da luta, da resistência ao colonialismo, porque isso era ideológico. Hoje as crianças do Cunene não sabem que foi Mandúmi⁷, por exemplo. Foi cortado. O Mandúmi desapareceu dos manuais. Enfim, coisas assim do gênero, de cosmética apenas, porque não se tocou no sistema. Mudaram foi alguns livros, e cada vez menos livros aliás, porque cada vez menos o Ministério da Educação tem capacidade para mexer as coisas para mudar alguma coisa. E, portanto, foi piorando tudo. (GUIMARÃES e FREIRE, 2011, p.153)

Considerações Finais

Ao longo do texto vimos atuação do pensador Paulo Freire, as suas experiências iniciais no Rio Grande do Norte, o seu exílio na Suíça, a preocupação do governo ditatorial brasileiro com sua representação internacional, a exemplo dos relatórios, do então embaixador em Portugal Carlos Alberto da Fontoura, que inclusive no processo de independência dos países africanos do Estado Português pontuava como o Estado brasileiro poderia agir no sentido de ocupar esse espaço.

Não obstante, quem acaba tendo um protagonismo em grande parte desses países vai ser Paulo Freire representante de um órgão ligado a igreja Católica acaba indo ao continente africano, em um momento de grandes transformações, em que os países como Angola, Cabo Verde Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe estavam justamente em

⁷ Famoso rei dos cuanhamas – povo do sul de Angola – que segundo histórias contada localmente preferiu o suicídio a ser capturado pelos portugueses. Nota de rodapé (GUIMARÃES e FREIRE, 2011, p.153)

construção, ou como Freire dizia em “reconstrução”, em muitos desses países, o idioma português nem era falado motivos de grande debates com os revolucionários, como podemos ver em *Cartas à Guiné -Bissau* (1978).

Paulo Freire também se transforma como vimos nessa trabalho se aproxima das ideias marxistas, de Antônio Gramsci e segundo, pesquisadores muito por conta da figura do líder revolucionário, Amílcar Cabral, que não conheceu pessoalmente, mas sua passagem por Guiné-Bissau e Cabo Verde possibilitou não só acesso a sua obra, mas, sobre aqueles que Cabral discorria em seus livros.

Contudo, o prognóstico atual não é dos melhores na obra *A África Ensinado a Gente* (2011) em todos países que Sérgio Guimarães voltou para conversar com pessoas que tiveram contato com Paulo Freire ou com o seu método discorreram sobre a fragilidade do sistema educacional, como as taxas de analfabetismo ainda são alta.

Mormente chama atenção a questão ideológica, se hoje no Brasil a o debate de “Escola Sem Partido”, que há o debate de que o ensino tem que está livre de questões doutrinadoras. Lugares como Angola já é uma realidade, como vimos com Pepeleta, o mesmo faz critica a superficialidade dessas ações, que os impactos são mais negativos que positivos.

No momento atual, o pensamento de Paulo Freire se torna mais que urgente, pois somente com uma formação autônoma em que respeitamos o ser humano teremos condições de criar sociedades plenas em sua cidadania

Referências Bibliográfica:

ALVES, Marcio Moreira. *Torturas e Torturados*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1966.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. 2ªed., São Paulo, 2011.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

GADOTTI, Moacir. **PAULO FREIRE NA ÁFRICA**: Notas sobre o encontro da pedagogia freiriana com a práxis política de Amílcar Cabral. In: VII ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE Tema central: Paulo Freire e Amílcar Cabral: Por uma releitura da Educação e da Cidadania Planetária - Praia, Cabo Verde, 12 a 19 de setembro de 2010.

MATHIAS, Suzeley. *A militarização da burocracia: a participação militar na administração federal das comunicações e da educação, 1963-1990*. São Paulo: UNESP, 2004.

PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: Leya, 2013.

SANTOS, José Francisco dos. *Angola: Política Externa Brasileira para África no olhar de Ovídio de Andrade Melo*.

SANTOS, José Francisco dos. *Movimento Afro-brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) – “Um Amplo Movimento”*: Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, José Francisco dos. *Relação Brasil/Angola: A participação de brasileiros no processo de libertação de Angola, o caso do MABLA e outros protagonistas*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

Secreto nº 8 PORTUGAL (CONTINENTE) TERRITÓRIOS AFRICANOS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES COM O BRASIL. EMBAIXADA DO BRASIL LISBOA, 31 DE OUTUBRO DE 1974.

VILLIEN, Patrícia. *A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo: Entre a harmonia e a contradição*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ZAU, Filipe. *Educação em Angola*. Luanda: Movilros, 2013.